



A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES OLÍMPICAS BRASILEIRAS NAS MODALIDADES ESPORTIVAS DE AVENTURA ATÉ OS JOGOS DE 2012

Resumo - Desde a primeira participação de Maria Lenk em 1932 até as primeiras medalhas com o ouro e prata do vôlei de praia feminino em 1996, um longo tempo se passou e muitas histórias foram contadas. Todavia, uma grande lacuna pode ser observada no que se refere as modalidades esportivas ‘de aventura’, e um longo caminho ainda está a ser percorrido para que este espaço seja preenchido e, quem sabe, coroado com alguma medalha. Os desafios duplos, referentes as dificuldades enfrentadas tanto pelas questões de gênero quanto pelos preconceitos aos praticantes das modalidades tidas como ‘contracultura’, foram um grande empecilho para o seu desenvolvimento. Contudo, o momento atual, em que o “esporte de aventura” vem ganhando espaço tanto na mídia como no movimento olímpico, está fazendo, conseqüentemente, com que muitas atletas praticantes dessas modalidades começassem a também ganhar este espaço e principalmente voz através de sua prática. Das 445 mulheres brasileiras que participaram dos Jogos Olímpicos até a edição de 2012, apenas 25 delas foram em alguma modalidade esportiva de aventura, sendo estas as de Canoagem *Slalon*, Ciclismo *Mountain Bike* e BMX, Remo, Triathlon e Vela (na prova adaptada de *windsurf*, a atual RS:X).

Palavras-chave: aventura; natureza; Jogos Olímpicos.

THE PARTICIPATION OF BRAZILIAN OLYMPIC WOMEN IN SPORT ADVENTURE UNTIL THE 2012 GAMES

Abstract – From Maria Lenk's first participation in 1932 until the first gold and silver medals for women's beach volleyball in 1996, a long time has passed, and many stories have been told. However, a great gap can be observed with regard to the ‘adventure’ sports modalities, and a long way is still to be taken so that this space can be filled and, who knows, crowned with a medal. The double challenges, referring to the difficulties faced both by gender issues and by prejudices against practitioners of the modalities considered as ‘counterculture’, were a great obstacle to their development. However, the current moment, when the ‘adventure sport’ has been gaining space both in the media and in the Olympic movement, is consequently causing many athletes practicing these modalities to start gaining this space as well, and especially voice through their practice. Of the 445 Brazilian women who participated in the Olympic Games up to the 2012 edition, only 25 of them were in any adventure sport, these being *Slalon Canoeing*, *Mountain Bike* and *BMX Cycling*, *Rowing*, *Triathlon* and *Sailing* (in the adapted windsurfing event, the current RS: X).

Keywords: adventure; nature; Olympic Games.

LA PARTICIPACIÓN DE MUJERES OLÍMPICAS BRASILEÑAS EN MODALIDADES DEPORTIVAS AVENTURAS HASTA LOS JUEGOS DE 2012

Resumen - Desde la primera participación de Maria Lenk en 1932 hasta las primeras medallas de oro y plata para el voleibol de playa femenino en 1996, ha pasado mucho tiempo y se han contado muchas historias. Sin embargo, se puede observar una gran brecha en cuanto a las modalidades de deportes de ‘aventura’, y queda un largo camino por recorrer para que este espacio se pueda llenar y, quién sabe, coronar con una medalla. Los dobles desafíos, referidos a las dificultades que enfrentan tanto las cuestiones de género como los prejuicios contra los practicantes de las modalidades consideradas como ‘contracultura’, fueron un gran obstáculo para su desarrollo. Sin embargo, el momento actual, en el que el ‘deporte de aventura’ ha ido ganando espacio tanto en los medios como en el movimiento olímpico, está provocando que muchos deportistas que practican estas modalidades empiecen a ganar también este espacio, y especialmente la voz a través de su práctica. De las 445 mujeres brasileñas que participaron en los Juegos Olímpicos hasta la edición de 2012, solo 25 de ellas lo hicieron en algún deporte de aventura, siendo estas *Slalon Canoa*, *Mountain Bike* y *BMX Ciclismo*, *Remo*, *Triatlón* y *Vela* (en el evento de *windsurf* adaptado, el RS actual: X).

Palabras-clave: aventura; naturaleza; Juegos Olímpicos.

Raoni Perrucci Toledo
Machado

Universidade Federal de
Lavras, Brasil

raoni@ufla.br

[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v5.id115](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v5.id115)

Recebido: 26 jan 2021

Aceito: 04 mar 2021

Publicado: 07 mar 2021

Introdução

As mulheres no esporte é uma temática que não é recente, desde a antiguidade elas já buscavam e ocupavam lugares sociais não só nas grandes competições, como também na vida cotidiana como um todo, tal como nos mostra um excelente trabalho editado pelo The British Museum¹. Na Grécia antiga, elas mesmo conseguindo seu espaço através dos Jogos Heranos, outras 25 delas lograram êxito em alguma das outras competições pan-helênicas, como podemos ver no trabalho de Reese e Rickerson².

Este número pequeno dentro dos mais de 11 séculos que duraram estas competições na antiguidade, refletem, de certo modo o imaginário que elas ocupavam naquele tempo. Em uma outra pesquisa que realizamos³, apontamos que as imagens femininas tiveram diferentes formas de representação nas diversas culturas da antiguidade. No entanto, algo comum entre todas elas, foi a presença, no início, de uma Deusa-mãe, responsável se não pela criação da humanidade, pelos não compreendidos mistérios de fertilidade e reprodução. O mesmo comportamento simbólico pode ser visto em diversas sociedades do mundo antigo, como, por exemplo, na antiga cultura chinesa, na qual existiam no início do Período Neolítico estatuetas femininas que faziam parte de rituais associados à fertilidade; na antiga Índia, a mesma coisa pôde ser vista até o final do Período Védico (aproximadamente 500 a.C.), e por quase toda a antiga história japonesa a mulher ocupava uma posição central na sociedade em função de seu poder reprodutivo. Na antiga Mesopotâmia, de acordo com Vivante⁴, um dos cultos mais importantes era à deusa Ishtar, a deusa do amor e da sexualidade, e no Levante (costa leste do Mediterrâneo), Athirat, esposa de El, era tida como responsável pela criação. A forma como estas imagens se desenvolveu, foi um fiel reflexo do desenvolvimento da estrutura social da sociedade a qual está inserida. Seu enfraquecimento foi também uma constante, sendo baseado essencialmente na maior compreensão da realidade, além da crescente imagem do homem guerreiro, que se estendeu à valorização do homem-atleta.

Este breve resgate histórico nos ajuda a compreender de certa forma, os fundamentos da resistência do Barão Pierre de Coubertin em aceitar que as mulheres pudessem participar dos Jogos Olímpicos, recém renascido, no período moderno⁵. Essa tensão inicial se prolongou por boa parte do século XX, mas o movimento de contracultura norte-americana que se iniciou na década de 60 colocou elementos que fortaleceram a imagem feminina no esporte, e que coincidiu com o surgimento de maneira

mais massificada, dos esportes de aventura. Este movimento trazia consigo fundamentos sociólogos e revolucionários, com raízes de valores e ideais direcionados a romperem paradigmas e barreiras contra o conservadorismo e tradicionalismo.

Os principais questionamentos defendidos por esse grupo eram com relação à liberdade, se opondo aos movimentos segregacionistas existentes à época vinculados a padrões de raça, gênero e religião. Para Alves e Melo⁶, os Híppies, como ficaram conhecidos em todo mundo, com influência inclusive no Brasil, possuíam peculiares características relacionados principalmente aos modos de vida. Com um estilo de vida próprio como cabelo despenteado e longo, roupas coloridas e tatuagens, os híppies fizeram grande história no mundo. Essas características encontraram nas práticas esportivas de aventura um local perfeito para se manifestarem, vejamos abaixo as razões para que isso possa ter ocorrido.

Contracultura e a Aventura

O movimento de contracultura que se iniciou nos Estados Unidos durante a década de 60, se caracterizou como um movimento social que visava contestar os valores vigentes na sociedade. Os Beatniks, responsáveis pelo movimento de articulação reflexiva que precedeu este movimento, propunham um questionamento e enfrentamento político sobre o consumismo e o otimismo do governo norte-americano no período pós segunda guerra mundial, e acima de tudo, sobre os padrões culturais dominantes. Machado⁷ aponta que os Híppies, seus sucessores e símbolos desse movimento, possuíam entre suas diversas características, o apreço à natureza, enfrentamentos anticompetitivos, um individualismo junto com a cooperatividade, e por serem contrários ao que se considerava “normal”, eram também contrários aos modelos esportivos tradicionais. Os jovens, portanto, que eram a maioria entre os que aderiram a este movimento, revolucionaram os modos de se vestir, de se comportar, e de reagir frente as demandas da sociedade.

Associado a isso, mas de maneira completamente indireta, em 1962 foi lançado nos Estados Unidos o livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson⁸, obra que é considerada como a fundadora do movimento ambientalista moderno, sendo uma das produções culturais mais importantes do nosso tempo, tal como podemos ver no trabalho de Bonzi⁹. Foi após a sua publicação que o mundo abriu os olhos para o impacto

ambiental que o ser humano estava causando, e passou-se então, a aceitar o impacto humano no planeta.

Na mesma época, Iuri Gagarin a bordo da Vostok 1 se torna a primeira pessoa a sair da órbita terrestre, lançando um ponto de vista diferenciado para a espécie humana em relação ao seu próprio habitat, que se reforçou ainda mais com primeiros testes nucleares que atingiram seu ápice durante a década de 50, fazendo com que o planeta passasse a sentir suas consequências, o que levou, no ano de 1963 ao Tratado de Interdição Parcial dos Testes Nucleares. Da Costa¹⁰ mostra que quase dez anos se passaram até que em 1972, em Estocolmo, foi realizada a ‘Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano’, procurando dar amplitude global ao movimento iniciado após a publicação do livro, mas foi somente em 1992 no Rio de Janeiro, com a realização da ‘Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento’ que o assunto se consolidou, ganhando a importância e destaque necessário para que causasse de fato outro impacto na sociedade.

Pois bem, esses fatores associados, acontecendo praticamente todos na mesma época, serviram como uma espécie de catalizador para que ocorresse o início de uma revolução no campo esportivo. As características citadas anteriormente em relação aos hippies, fizeram com que o meio ambiente se tornasse um de seus principais focos de resistência, ou seja, se o governo e grandes empresas estavam de certa forma o agredindo, era de se esperar que, como ação contra cultural, acontecesse um ‘apoderamento’ desse espaço, e dentro disso, apareceram as práticas esportivas realizadas nesse meio, trazendo com isso, as características inerentes a esse grupo. Elas traziam então, um enfrentamento anticompetitivo, se diferenciando do modelo esportivo tradicional, pregando a alegria, a liberdade, o individualismo e ao mesmo tempo a cooperação. Ao fugir das quadras e campos padronizados e ir de encontro ao ambiente natural, longe das regras institucionalizadas, os *Hippies* puderam ressignificar uma série de atividades já existentes, realizando-as em harmonia com a natureza, sem se preocupar se estavam fazendo de acordo com a técnica correta, se estavam em obediência ao padrão tático pré-estabelecido, enfim, podiam, dentro de seu grupo, realizar atividades cada qual de acordo com seu nível de desenvolvimento, utilizando-se muito mais de sua criatividade do que de suas capacidades motoras determinadas fisiologicamente.

E dessa forma surgiram as atividades físicas na natureza. Machado^{7,11} diz que, diferentemente das modalidades esportivas tradicionais, não possuem limitação de tempo e espaço e os praticantes podem se confrontar com eles próprios em busca de superar limites impostos pela natureza, ou intrínsecos a eles mesmos. Foi assim que elas foram gradualmente sendo absorvidas pelos programas de diversas competições esportivas. Foi, portanto, a partir desta nova perspectiva, que as modalidades esportivas que vinham se desenvolvendo desde meados da década de 70, e que acabavam sendo marginalizadas por conta das suas características que as diferenciavam das práticas mais tradicionais, foram então ganhando mais atenção da mídia e do público geral, a ponto de ocupar praticamente 25% das modalidades esportivas do programa olímpico dos Jogos de verão.

A aventura olímpica

Conforme demonstramos em outro trabalho¹¹, a aproximação entre o movimento olímpico e as atividades de aventura surgiu antes mesmo da realização de sua primeira edição. Em 1894 Coubertin já idealizava as provas de “melhor caçada”, “melhor escalada” e “aviação”, contudo, por motivos diversos elas não tiveram continuidade. Da mesma forma, as modalidades esportivas de inverno, que poderiam trazer elementos da aventura já poderiam aparecer na segunda edição dos Jogos, contudo, ao comentar sobre as modalidades que seriam disputadas em Paris (1900), Coubertin⁵ sugeriu que “a Suécia, algum dia, organize Jogos Olímpicos de inverno no gelo e na neve (p. 381)”, sendo a primeira vez que esse assunto é tratado. Eles de fato, foram organizados somente em 1924 na cidade francesa de Chamonix.

Depois da conturbada década de 60, em 1972 apareceu a primeira tentativa de se colocar uma prova pouco tradicional no programa Olímpico, com a canoagem *slalon*, e depois em 1984 com o windsurf, camuflado na atual categoria RS:X (na época denominada de *windglider*) das provas de vela. Contudo, foi somente na década de 90 que a mudança veio de maneira definitiva, inicialmente nos jogos de inverno com a inserção do esqui estilo livre em 1992, e nos Jogos de Atlanta (1996) apareceram o Mountain Bike e o retorno definitivo da canoagem *slalon*. A partir daí, uma nova perspectiva se apresentou para o movimento olímpico, possibilitando que outras modalidades com essas características pudessem ganhar seu espaço durante os Jogos.

As ponderações feitas acima nos mostram que as atividades de aventura realizadas na natureza demoraram praticamente um século para ganhar seu espaço durante a realização dos Jogos Olímpicos, e por este motivo, não podemos esperar que um grande número de atletas brasileiros pudessem ter se classificados, com este número sendo reduzido ainda mais quando olhamos para as mulheres que competiram, dado que, segundo Rubio¹², até os Jogos de Londres em 2012, o número total de atletas brasileiros que competiram foi de 1796, e dessas, 445 mulheres. O recorte para este texto reduzirá ainda mais esse número, levaremos em consideração apenas os Jogos olímpicos de verão até a edição de 2012, nas provas de Canoagem *Slalon*, Ciclismo Mountain Bike e BMX, Remo, *Triathlon* e Vela (na prova adaptada de windsurf, a atual RS:X), por possuírem as características não apenas de serem realizadas na natureza, mas por trazer os elementos que as caracterizam como ‘de aventura’. Em uma primeira abordagem, selecionamos apenas 25 mulheres que conseguiram seu espaço dentro dessas modalidades. No decorrer do trabalho entraremos em suas peculiaridades, justificando as escolhas e tecendo ponderações específicas a cada uma delas.

A aventura das mulheres olímpicas brasileiras

A trajetória das mulheres atletas brasileiras nos Jogos olímpicos não foi fácil. Desde a primeira participação de Maria Lenk em 1932 até as primeiras medalhas com o ouro e prata do vôlei de praia feminino em 1996, um longo tempo se passou e muitas histórias foram contadas. Todavia, uma grande lacuna pode ser observada no que se refere as modalidades esportivas na natureza, e um longo caminho ainda está a ser percorrido para que este espaço seja preenchido e, quem sabe, coroado com alguma medalha que até então não veio. Os desafios duplos, referentes as dificuldades enfrentadas tanto pelas questões de gênero quanto pelos preconceitos aos praticantes das modalidades tidas como “contracultura”, foram um grande empecilho para o seu desenvolvimento durante praticamente todo o século XX. Contudo, o momento atual, em que estas modalidades vêm ganhando espaço tanto na mídia como no movimento olímpico, está fazendo, conseqüentemente, com que muitas atletas praticantes dessas modalidades começassem a também ganhar este espaço. Com este novo panorama alguns bons resultados começam a aparecer, existindo uma grande perspectiva para que em breve a primeira medalha possa surgir.

Mas enfim, cada modalidade esportiva possui uma dinâmica própria, e veremos como foi se dando a inserção das mulheres em cada uma delas.

Remo

Iniciaremos com esta modalidade, mesmo que ela não seja exatamente uma atividade esportiva de ‘aventura’, mas é realizada na natureza e é considerada como a primeira prática atlética organizada como esporte, originando-se na Inglaterra ainda no século XVIII ao longo do Rio Tamisa. De acordo com o trabalho de Da Costa¹³, um século depois surgiu o primeiro clube dedicado ao Remo de Londres, e do mundo, o *Leander Club*, fundado em 1817, e em 1829 ocorreu a primeira regata entre Oxford e Cambridge. Então, como é de se supor, a *Fédération Internationale des Sociétés d’Aviron* – FISA surgiu em 1892 e o remo estava incluído para fazer sua estreia juntamente com o renascimento dos Jogos Olímpicos, contudo, por problemas climáticos, debutou apenas 4 anos mais tarde.

No Brasil, devido à política de abertura dos portos para nações amigas, ocorrida em 1808, fez com que o Brasil sofresse forte influência cultural da Inglaterra, e dentro desse intercâmbio, vieram também as práticas esportivas inglesas. Dessa forma, não demorou muito para que esta modalidade se organizasse por aqui. A primeira competição, segundo Da Costa¹³, data de 1846 e a primeira associação de remo é de 1851. Então, quando os Jogos Olímpicos renasceram, já havia competições organizadas por aqui já desde 1892.

O registro da primeira competição feminina no Brasil é de 1907, o que poderia levar a supor que teríamos mulheres brasileiras competindo logo na modalidade, mas o fato é que o remo feminino só teve lugar nos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976.

Apesar desta história relativamente promissora, a primeira participação de uma atleta brasileira só se deu em 2004, com Fabiana Beltrame, que terminou na 14ª colocação no *skiff* simples. Em Pequim, Fabiana conquistou novamente sua vaga (terminando em 21º no *skiff* simples), e desta vez a acompanharam a dupla Camila Carvalho e Luciana Granato, que finalizaram na 15ª colocação no *skiff* duplo leve. Em Londres, Fabiana competiu novamente, desta vez no *skiff* duplo tendo a companhia de Luana Bartholdo de Assis (13ª colocação), e competiu no *skiff* simples Kissya Cataldo da Costa, que não teve seu resultado computado por ter testado positivo no exame antidoping.

Uma coisa interessante nessas 5 atletas, é que nenhuma teve sua iniciação esportiva no Remo, se dedicando a modalidade quase que por acaso e só depois que as atividades físicas na natureza já estavam consolidadas na mídia. Rubio¹² mostra que todas praticavam outros esportes antes de ter contato com o remo em virtude de na cidade onde moravam, existir clubes para a prática da modalidade. Camila, Kissya e Luciana foram participar da primeira competição por volta dos 20 anos de idade, quando já teria passado em muito a idade dada como correta para a iniciação esportiva. Fabiana Beltrame e Luana Bartholo começaram com 15 e 16 anos respectivamente, e tiveram a chance de percorrer um caminho ‘normal’ dentro da carreira esportiva, não à toa, Fabiana conquistou um ainda hoje inédito título mundial na categoria *skiff* leve.

Vimos então, que apesar de uma história relativamente bastante rica do Remo no Brasil, o número de mulheres que chegaram ao alto rendimento é bastante pequeno. O fato de todas elas iniciarem a modalidade ‘por acaso’ reforça a possibilidade de que existem poucos caminhos que possam ser percorridos por elas para iniciarem a sua prática. Se levarmos em consideração os 104 homens que já conseguiram uma vaga olímpica, podemos supor que meios para o desenvolvimento atlético existe, faltando apenas mecanismos para que de fato, o contrastante número com as 5 mulheres se eleve um pouco mais. Foi por este motivo, de conhecer o trajeto que levaram estas mulheres a se aventurarem, literalmente, em uma modalidade pouco conhecida no Brasil, e com os inúmeros desafios que enfrentaram, que decidimos incluí-las nas atividades de aventura.

Vela

Esta é também uma modalidade esportiva cuja história remonta ao século XVIII, existindo indícios de práticas organizadas de competições realizadas na Holanda. Após isso, ela se desenvolve na Inglaterra, e segue o mesmo caminho que o Remo trilhou para chegar ao Brasil, e em 1875 ocorre a primeira regata no Rio de Janeiro. Da Costa¹³ aponta que a estreia da modalidade nos Jogos Olímpicos se dá em 1900, e a primeira participação brasileira ocorre em 1936, conquistando a primeira medalha de bronze em 1968, e as duas primeiras de ouro vieram em 1980.

A vela é uma modalidade esportiva com características familiares, ou seja, a iniciação esportiva se dá ainda pela existência facilitadora de se morar perto do local de prática, ou de ter alguém na família que pratica. Este foi um percurso comum entre as 12

mulheres brasileiras que já competiram na vela Olímpica em diferentes provas. Contudo, não é exatamente sobre a vela que faremos nosso recorte, e sim na categoria “windsurf”, disputada desde os Jogos de 1984. A sua inserção, segundo Thorpe e Wheaton¹⁴, se deu porque durante a década de 1970, era uma das modalidades esportivas que mais cresciam na Europa juntamente com o surf, se tornando, dessa forma, atrativa para o Comitê Olímpico Internacional (COI). Contudo, o maior público era para a sua manifestação ‘*Freestyle*’, mas ele foi inserido juntamente com as provas de iatismo sob o formato de regata. Essa foi a primeira aproximação oficial das modalidades de contracultura no programa olímpico, e a estreia não foi muito boa. O estilo dos novos atletas não agradou os fãs do iatismo, e por este motivo, uma nova tentativa em alguma outra modalidade demorou um pouco a aparecer.

Bom, certo é que a categoria ‘*windglider*’ estreou nos Jogos de Los Angeles somente na categoria masculina, sendo renomeado para ‘*Lechner*’ em 1988 e 1992, ‘*Mistral one design*’ de 1996 a 2004, e RS:X de 2008 até pelo menos 2020. Desde Barcelona ela é disputada também pelas mulheres, e sempre o Brasil teve uma representante entre as competidoras. Christina Mattoso competiu nos Jogos de 1992, 1996 e 2000, conquistando as 15^a, 19^a e 26^a colocação, respectivamente. Em 2004 nossa representante foi Carolina Borges, finalizando na 24^a colocação, e nos Jogos de 2008 e 2012 foi a vez de Patrícia Freitas representar o Brasil, chegando nas 18^a e 13^a posições, respectivamente.

As três atletas fizeram sua iniciação esportiva ainda na adolescência, retratando gosto pela modalidade. Um fator curioso, é que Carolina Borges é filha de mãe portuguesa e hoje representa Portugal nas competições internacionais, e Patrícia Freitas nasceu em Washington D.C. e decidiu representar o Brasil já desde pequena. Rubio¹² mostra que ambas moravam no Rio de Janeiro quando começaram a competir. Christina Mattoso por sua vez, morava em Niterói, cidade vizinha ao Rio de Janeiro, trazendo uma interessante regionalidade para a prática desta modalidade que necessita de futuras pesquisas para verificar as razões desta influência. Aliás, esta é uma modalidade em que o Brasil possui relativa tradição, pois desde que foi instituída como modalidade olímpica em 1984, somente nesta edição não tivemos participantes, em todas as outras, atletas brasileiros competiram no masculino e feminino. E reforçando a necessidade de futuras

investigações sobre a regionalidade desta prática, os 6 atletas (3 homens e 3 mulheres) que nos representaram até 2012, nasceram no Rio de Janeiro ou em cidades vizinhas.

Triathlon

Tal como consta no Atlas do Esporte no Brasil¹³, o triathlon é uma “modalidade esportiva que reúne três práticas independentes: natação, ciclismo e corrida em ordem consecutiva e sem interrupção de atividades. É consagrado vencedor o triatleta que completar o percurso no menor tempo possível (p. 309)”. Surgiu nos estados Unidos durante a década de 1970, chegando ao Brasil no início da década seguinte na cidade do Rio de Janeiro. Se consolida durante os anos 90 e fez sua estreia olímpica no ano 2000. Em todas as edições o Brasil teve representantes masculinos (6) e femininos (4).

Em Sidney, participaram Carla Moreno, Mariana Ohata e Sandra Soldan. As duas primeiras tiveram problemas e não terminaram a prova, mas Sandra terminou na 11ª colocação, o melhor resultado já conquistado por um atleta brasileiro. Na edição seguinte, em 2004, as três competiram novamente, e Tanto Carla Moreno como Sandra Soldan não conseguiram finalizar a prova, e Mariana Ohata chegou na 37ª colocação. Em 2008 somente Mariana Ohata participou, chegando na 39ª posição, e em 2012 foi a vez de Pamella Oliveira fazer sua estreia, finalizando em 30º lugar.

Todas, de acordo com Rubio¹², fizeram sua iniciação esportiva na natação, e só depois ingressaram no triathlon. Este fato era até de certo modo esperado, pois à exceção de Pamella Oliveira, todas as outras nasceram durante a década de 70, e tiveram acesso ao triatlo somente após ele se consolidar no Brasil, nos anos 90, período em que eram atletas amadoras na natação. Carla Moreno e Sandra Soldan começaram a nadar por recomendação médica, já que sofriam com a asma. As duas já tinham mais de 20 anos quando participaram de suas primeiras provas de triathlon, e em pouquíssimo tempo conquistaram a vaga olímpica. Mariana Ohata e Pamella Oliveira chegaram a ser atletas de alto rendimento na natação, ambas chegaram a ter títulos brasileiros em seus currículos. Como Mariana iniciou mais cedo do que as outras três (Pamella também tinha 20 anos quando participou de sua primeira prova), ela pode desenvolver uma carreira esportiva bem consolidada dentro do triathlon, participando de 3 edições dos Jogos Olímpicos.

De toda forma, vemos aqui um percurso muito semelhante ao do Remo, onde as atletas acabam tomando conhecimento de uma modalidade por meio de um aumento da exposição desta pela mídia, fomentado provavelmente pelas demandas de novas modalidades esportivas praticadas na natureza, que começaram a se consolidar durante o final do século XX.

Ciclismo

Os primeiros registros da existência de uma bicicleta, ou melhor, de um ‘celerífero’, como era chamado naquela época, vem de 1790 na França. Com o tempo, aquele modelo rudimentar foi se aperfeiçoando e se consolidando como veículo de transporte, lazer e prática esportiva. Em 1869, um ano após a primeira competição oficial ter acontecido em Paris, o Brasil produzia sua primeira bicicleta. As competições logo se popularizaram na Europa, e logicamente elas tiveram lugar no programa esportivo da primeira edição dos Jogos olímpicos da era moderna, sendo disputadas até a atualidade de maneira ininterrupta. As mulheres, contudo, de acordo com Da Costa¹³, só puderam competir em 1984 na prova de estrada, e a partir de 1988 também no velódromo. Por isso, apenas seis atletas brasileiras participaram das provas de ciclismo olímpica ao longo do tempo.

Então, quando foi instituída a prova de Mountain Bike (MTB) em 1996 e a de BMX em 2008, homens e mulheres puderam competir igualmente.

Mas estas duas provas não foram incluídas por acaso. Machado⁷ diz que o MTB foi inserido devido ao seu forte apelo estético em uma época em que o mundo precisava voltar sua atenção ao meio natural, e esta modalidade esportiva trouxe isso. O primeiro campeonato mundial de MTB ocorreu apenas 6 anos antes de sua primeira participação em Jogos Olímpicos, mas já atraindo a atenção de um grande público. Já o BMX, uma modalidade que se originou da criatividade de crianças e adolescentes que adaptaram suas bicicletas e o terreno para se parecerem com as provas de motocross, foi incorporada pela União Ciclista Internacional UCI como modalidade esportiva oficial em 1993, e em apenas três anos já ocupavam grande parte do programa dos X-Games. Como o sinal de alerta para o Movimento Olímpico estava aceso desde início do século XXI, já que um estudo citado por Thorpe e Wheaton¹⁴, apontou que nos jogos de Sidney – 2000, houve uma redução de 50% na audiência pelo público jovem, de homens entre 18 e 34 anos de

idade, indicava que o modelo tradicional de esporte estava perdendo espaço, e novas estratégias para atrair este público se tornava necessária. O BMX veio com essa responsabilidade.

Contudo, o que percebemos é que estas duas modalidades possuem uma característica bastante forte trazida pelo movimento contra cultural norte americano, onde se opunha aos modelos esportivos tradicionais, e dentre eles, a própria dinâmica de competição esportiva. Talvez por este motivo, mesmo que as modalidades sejam novas, não tenhamos um número maior de atletas brasileiras participando dessas provas. Apenas Jaqueline Mourão no MTB, e Squel Stein no BMX haviam, até os Jogos de Londres em 2012, conquistado vaga para participar dos Jogos olímpicos. Se levamos em consideração que além destas duas, apenas outras quatro participaram das provas de ciclismo de estrada ou de pista, até que o número não está tão ruim.

Jaqueline Mourão é uma multi-atleta. Apesar de ter tido sua iniciação esportiva em várias modalidades, se dedicou primeiramente ao ciclismo MTB e *downhill*, o que deu uma excelente base a ela para se desenvolver na modalidade. Rubio¹² mostra que durante a sua primeira participação em um campeonato mundial de *downhill*, ela sofreu um sério acidente e temporariamente abandonou o ciclismo, passando a se dedicar ao *cross country*, duatlo, triathlon, e corridas de rua. Sete anos depois daquele acidente, ela decidiu voltar ao MTB e tentar vaga Olímpica. O esforço foi recompensado, e em 2004 ela tem sua primeira participação olímpica, conquistando o 18º lugar, que é o melhor resultado já alcançado por um atleta brasileiro nas provas de MTB. Em 2008 ela teve mais uma excelente participação, chegando na 19ª posição. Um fato curioso em relação a esta atleta, é que além destas duas participações, ela teve outras três participações nos Jogos olímpicos de Inverno em duas modalidades diferentes, em 2006 e 2010 participou da prova de esqui *cross country*10K, chegando na 67ª e 66ª colocações, respectivamente, e em Sochi competiu no Biatlo, finalizando na 76ª posição. Se existe alguém que alcançou os princípios do olimpismo em sua mais pura essência, tendo um prazer pelo esforço e buscando a excelência em seus resultados dentro de suas possibilidades, essa pessoa é Jaqueline Mourão. Dificilmente teremos algum outro atleta, homem ou mulher, que tenha uma aventura olímpica tão intensa quanto ela.

Já Squel Stein é um exemplo de atleta e de pessoa que o COI queria atingir com a nova postura em relação ao público jovem. Ela é uma apaixonada pelo BMX desde

pequena, e já com 16 anos conseguiu um lugar na seleção brasileira da modalidade, conseguindo a vaga para os Jogos de 2012, não passando da semifinal. Alguns anos antes, ela não encontraria espaço no programa olímpico nem para poder ver, e nem para participar, na prova que se identifica.

Estas duas atletas representam bem o que significa a aventura olímpica.

Canoagem Slalon

A canoagem é uma modalidade esportiva que pode ser praticada por canoas ou caiaques, no mar, rios, lagos, águas calmas ou agitadas. Sua prática, de acordo com Da Costa¹³, acompanhou o desenvolvimento do ser humano ao longo do tempo, tendo a primeira evidência de seu uso por volta de 6000 a.C. Contudo, seu uso como prática esportiva veio somente no final do século XIX e início do XX. Estreou como modalidade olímpica em 1936, e só 4 anos depois disso é que foi fabricado o primeiro caiaque no Brasil.

Conforme mencionado anteriormente e em outro trabalho que desenvolvemos¹¹, a modalidade da canoagem *slalon* foi a primeira tentativa do COI em colocar uma modalidade esportiva “de aventura” no programa olímpico. Sua tentativa se deu no ano de 1972 tanto para homens quanto para mulheres. Contudo, somente 20 anos depois é que ela teve sua inserção concretizada. Em todas estas edições, desde sua inaugural em Munique, do seu ressurgimento em Barcelona até os Jogos de Londres, foram disputadas exatamente as mesmas 4 provas, C1 e C2 só para homens, e K1 para homens e mulheres.

O Brasil, apesar de ter muitos rios, não tem tradição nesta modalidade. Como vemos no trabalho de Rubio¹², vale como destaque o grupo de atletas da região da cidade de Três Coroas (RS), que formou todos os quatro atletas homens que disputaram a modalidade até os Jogos de 2012.

Mas esse não foi o caso das duas únicas brasileiras que disputaram esta modalidade até então. Poliana Aparecida de Paula foi a primeira, com 18 anos disputou os Jogos de Pequim e chegou na 14^a colocação, a melhor até o momento. Ana Sátilla, com apenas 16 anos fez sua estreia na edição seguinte, finalizando na 16^a colocação. Poliana seguiu um caminho semelhante ao do grupo masculino de Três Coroas, ela desde criança se inseriu em um projeto denominado ‘Projeto Navegar’ nas águas do Rio Paranapanema, as margens de sua cidade natal (Piraju - SP), se destacou e conquistou a vaga olímpica.

Ana Sátilla se iniciou na canoagem por uma oportunidade no clube em que praticava a natação, e não desperdiçou a chance. Três anos depois já era campeã brasileira da modalidade, e em mais 3, disputaria sua primeira competição olímpica.

A canoagem é uma modalidade esportiva que está aparecendo cada vez mais na mídia brasileira, e a expectativa é que apareçam outras atletas como estas duas, que decidam se aventurar em uma prova cheia de incertezas, e que possam trilhar suas trajetórias em águas borbulhentas. Poliana teve a certeza do que fazia, já que foi formada em um projeto dentro de um rio, mas Ana Sátilla foi atraída pelo perigo, pela incerteza e pelos riscos que as águas brancas trazem. É a nova perspectiva esportiva formando as primeiras atletas brasileiras.

Considerações finais

Os esportes de aventura, como vimos, são bastante recentes na história olímpica, mesmo considerando as ponderações feitas, foi praticamente a partir do ano 2000 que eles foram se consolidando. Então, é de se esperar que a participação brasileira não fosse realmente tão numerosa. Nas seis modalidades que selecionamos, tivemos apenas 16 competidoras entre 1992 e 2012. Rubio¹⁵ aponta para as dificuldades de ser mulher atleta no Brasil ao longo do tempo, mas especialmente neste caso, olhando para o século XXI, parece que as coisas já vão ganhando novos contornos, ocorrendo transformações na estrutura patriarcal antes imposta na sociedade. Como exemplo, isso pode ser visto na relação entre homens e mulheres que competem atualmente nos Jogos Olímpicos, com o número tendendo a chegar na igualdade. E de certa forma, isso também se reflete na participação brasileira. Em 1992, o percentual de mulheres era de aproximadamente 25% em relação aos homens, e em 2012 já chegava a 48%.

A exceção da prova do RS: X, onde a iniciação ao windsurfe se deu quase que naturalmente dentro das famílias, que já moravam perto do mar, quando a modalidade se tornou olímpica, já havia atletas prontas para representar nosso país nos Jogos. Ele poderia ter ocorrido com o Remo, uma modalidade esportiva com bastante tradição no Brasil, e mais de uma centena de atletas homens participantes dos Jogos. Mas, no entanto, isso não se refletiu para as mulheres. A primeira participação só veio em 2004 quando as atividades na natureza já estavam consolidadas na sociedade como um todo, e que a realização de sua prática representa um comportamento considerado como um estilo de

vida saudável. Dentro dessa nova perspectiva do esporte contemporâneo, alguns atletas se destacaram e chegaram ao alto rendimento. Foi o caso das cinco que retratamos anteriormente.

Para as outras modalidades, Triathlon, MTB, BMX e Canoagem *Slalon*, a inserção delas no programa olímpico se deu recentemente, acompanhando as transformações do fenômeno esportivo. E junto com isso vieram as mudanças de comportamento e de procura por estas novas modalidades. A ausência de barreiras sociais, tais como as que se encontravam no decorrer do século XX, facilitam a aproximação das mulheres para estas modalidades. No entanto, as características que as atividades de aventura trazem, não colocam a busca pela superação como objetivo central, fazendo com que a prática esportiva em si deixe de ser uma preocupação em detrimento apenas das experiências que elas proporcionam. Talvez por este motivo o número de atletas de alto rendimento não seja maior.

Para este trabalho, o recorte temporal que escolhemos se deu por conta de não possuímos dados para as atletas que iniciaram suas carreiras olímpicas após os jogos de Londres. De toda forma, em 2016 continuamos sem medalhas, mas Patrícia Freitas, dentre nossas heroínas, conseguiu uma excelente 8ª colocação no Rio de Janeiro, se aproximando do pódio. Conforme o tempo vai passando e estas modalidades cada vez mais vão se incorporando no imaginário cultural brasileiro, a expectativa é que mais atletas cheguem ao alto rendimento e logo consigamos a tão esperada medalha. No surf e skate, modalidades que teriam estreia no programa olímpico a partir dos Jogos de Tóquio em 2020, as chances são ainda maiores. Nomes como o da surfista Tatiana Weston-Webb, e das skatistas Leticia Bufoni e Pamela Rosa, por exemplo, logo irão também nos contar suas histórias, e quem sabe, dizer a forma como conquistaram suas medalhas.

E esta foi, conforme sugeriu o título deste trabalho, o início na aventura pelas mulheres olímpicas brasileiras. É uma trajetória que está apenas começando e que ainda teremos muitos capítulos para assistir.

Referências

- 1 Neils, J. *Women in the ancient world*. London: The British Museum Press; 2011.
- 2 Reese A, Rickerson IV. *Ancient Greek women athletes*. Athens: Ideotheatron; 2000.
- 3 Machado RPT. A grande mãe. In: Rubio K. (Org.). *As mulheres e o esporte olímpico brasileiro*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2011.
- 4 Vivante B. *Women's role in ancient civilization: a reference guide*. London: Greenwood

Machado RPT. A participação das mulheres olímpicas brasileiras nas modalidades esportivas de aventura até os jogos de 2012. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2021; 5: 13-28.

Press; 1999.

5 IOC. Pierre de Coubertin - Olympism: selected writings. Lausanne: International Olympic Committee; 2000.

6 Alves VZ, Melo VA. Um novo barato: Surfe e contracultura no Rio de Janeiro dos anos 1970. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 2017; 39(1): 2-9.

7 Machado RPT. Present and future of olimpism: The legacy of the “X Generation”. In: Rubio K. Preservation of memory: the social responsibility of Olympic Games. São Paulo: Képos; 2014.

8 Carson R. Primavera silenciosa. São Paulo: Melhoramentos; 1969.

9 Bonzi RC. Meio século de primavera silenciosa: um livro que mudou o mundo. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*. 2013; 28: 207-215.

10 Da Costa LP. Desporto e natureza: tendências globais e novos significados. Porto: Universidade do Porto; 1997.

11 Machado RPT. Uma aventura olímpica: novas modalidades, novos desafios. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2017; 1(3): 220-231.

12 Rubio K. Atletas olímpicos brasileiros. São Paulo: Sesi-Sp Editora; 2015.

13 Da Costa LP. Atlas do esporte no brasil. Rio De Janeiro; Shape, 2005.

14 Thorpe H, Wheaton B. ‘Generation X-Games’, action sports andtThe Olympic Movement: understanding the cultural politics of incorporation. *Sociology*. 2011; 45(5): 830-847.

15 Rubio, K. Atletas do Brasil Olímpico. São Paulo: Kazuá, 2013.